

Educação e machismo: a masculinidade tóxica que é alimentada dentro das escolas

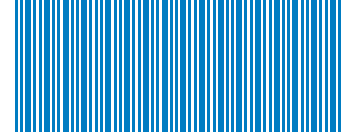
Education and sexism: the toxic masculinity fostered within schools

Luis Vinicius Belizário tem Graduação e Licenciatura em Ciências Sociais pela Fundação Santo André (FSA), Especialização em Ética, Valores e Cidadania pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestrado em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Atua como Consultor e Formador em gestão da diversidade e Habilidades Socioemocionais de docentes e gestores e atualmente ocupa o cargo de docente da pós-graduação do Instituto Ânima. É membro fundador do grupo de pesquisa NEAB (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros) da UFABC.

Contato: vinybelizario01@gmail.com

Resumo

Este artigo é parte de um estudo de 2014 que teve como objetivo geral discutir o machismo praticado, reproduzido e ocultado em forma de assédio – seja moral ou sexual – dentro da escola. O ambiente escolhido foi uma instituição de Ensino Médio cujo público-alvo é representado por cinco adolescentes (garotas) que estudaram nesse colégio durante esse período. Tomamos essa decisão porque queríamos captar os efeitos do machismo (por meio dos assédios) sobre as garotas e entender o quanto ele impactava a população escolar feminina e, a partir desses relatos, registrar como elas lidavam com essas situações em seus cotidianos. Neste artigo apresentaremos os relatos que apontam o quanto o ambiente educacional é opressor e desigual, e o quanto um espaço assim torna-se terreno fértil para manifestações machistas que alimentam comportamentos que são o reflexo de uma masculinidade tóxica e frágil. Os dados coletados, analisados e aqui apresentados têm o objetivo de suscitar



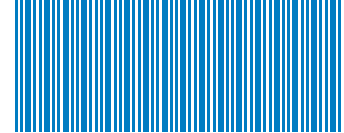
a sociedade atual a refletir sobre seu sistema de privilégios para os homens e evidenciar o quanto isso é nocivo. Objetivamos, com isso, convidar as pessoas a pensarem uma escola aberta à discussão de gênero, convicta de que essa discussão não é uma ideologia vazia de justiça e que, conseqüentemente, consiga desenvolver novos valores morais, que sejam capazes de repercutir nesse modelo de masculinidade adotado e reproduzido hoje, nefasto para a sociedade.

Palavras-chave: Machismo. Gênero. Assédio. Escola. Masculinidade tóxica.

Abstract

This article is part of a 2014 study whose general objective was to discuss “machismo” [male chauvinism] practiced, reproduced and perpetrated in the form of harassment – whether moral or sexual – within schools. The chosen environment was a high school institution and its target audience in this study is represented by five teenagers (girls) who studied at this school during that period. We made this decision because we wanted to capture the effects of “machismo” (through harassment) on girls and understand how much it impacted the female school population and, based on these reports, record how they dealt with these situations in their daily lives. In this article, we will present reports that point out how oppressive and unequal the educational environment is, and how such a space becomes fertile ground for sexist manifestations that fuel behaviors that are a reflection of toxic and fragile masculinity. The data collected, analyzed and presented here aims to encourage our society to reflect on its system of privileges for men and highlight how harmful it is. Our objective is to invite everyone to reflect about the concept of an school open to the discussion of gender – convinced that this discussion is not an ideology empty of justice – and that, consequently, it can establish new moral values, and are capable of reflecting on this model of masculinity adopted and reproduced today is harmful to a society.

Keywords: Male chauvinism. Gender. Harassment. School. Toxic masculinity.



1. Introdução

Em fevereiro de 2024 foram divulgados dados alarmantes sobre a violência contra as mulheres em âmbito nacional. A pesquisa foi desenvolvida pelo Instituto Datasenado em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV) e está na sua décima edição, que, para comemorar, teve o tamanho da sua amostra ampliado e, pela primeira vez, colheu dados de todos os estados e do Distrito Federal.

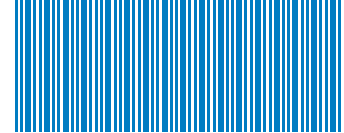
Foram entrevistadas 21,7 mil mulheres com 16 anos ou mais, em amostra representativa da opinião feminina em relação às agressões masculinas, e foi constatado que 68% das brasileiras têm uma familiar, amiga ou conhecida que já sofreu violência doméstica. Se analisarmos por estado, teremos Tocantins com 75%, Amazonas com 74% e Rio de Janeiro com 73% encabeçando tal pesquisa.

O nosso intuito não é nos aprofundar nesses dados e muito menos avançar nessa discussão diretamente – por esse motivo, deixamos aqui o acesso ao relatório completo –, e sim focar a discussão que pretendemos com esse artigo, que é o machismo estrutural e tóxico da nossa sociedade.

Em 2019, publiquei o artigo “Ideologia ou Violência de Gênero? A difícil tarefa de ser menina no Brasil do século XXI”, que foi extraído da minha pesquisa de especialização *lato sensu* em Ética, Valores e Cidadania na Escola, pela Universidade de São Paulo, em parceria com a Universidade de Stanford (EUA). O artigo em questão foi estruturado a partir de um trabalho que desenvolvi ao longo de 2014 e, no final daquele mesmo ano, apresentei a pesquisa que tinha como objetivo geral discutir o machismo praticado, reproduzido e ocultado em forma de assédio – seja moral ou sexual – dentro da escola.

Quando assumi a disciplina de Sociologia em uma Escola Técnica (Etec) do Centro Paula Souza, decidi trabalhar a questão de gênero com as turmas do primeiro ano do Ensino Médio. Essa decisão trazia em parte as minhas convicções sobre a necessidade de se fazer algo mais efetivo dentro das escolas sobre essa temática por observar o quanto as relações entre homens e mulheres, dentro daquela escola, reproduziam o que ocorria fora dela – machismo.

Na época, me vali dos relatos de cinco alunas que serviram como base para que eu conseguisse apontar o machismo e o sexismo que ocorriam dentro da escola. Também foi possível



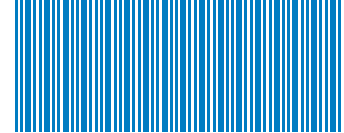
evidenciar que aquele machismo se sustentava em razão de toda uma estrutura de desigualdade e opressão, que garantia aos homens, além de uma gama de privilégios, o direito quase inquestionável ao assédio – fosse ele sexual ou moral.

Ao ter acesso a essa pesquisa desenvolvida pelo Instituto Datasenado juntamente com o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV), constatei o quanto esses números não param de aumentar e toda essa violência continua a ceifar vidas e talentos femininos. Isso me fez pensar na nossa sociedade, na qual o feminicídio é uma constante, a opressão contra as mulheres é naturalizada e a discussão sobre equidade de gênero é combatida por parlamentares que nasceram de mulheres e foram eleitos com muitos votos femininos. A primeira frase que sempre me vem à mente nesses momentos iniciais de reflexão é o título de uma música de muito sucesso, lançada em meados dos anos 1980, por uma famosa banda de rock nacional: “Que país é este?”

Não existirá avanço tecnológico, inteligência artificial, algoritmo e permanência dos alunos no Ensino Médio ou a ampliação do acesso ao ensino superior se as bases da educação não forem transformadas, e se nelas a educação antimachista/sexista e a discussão e equidade de gênero não estiverem transversalizadas no currículo, nos livros didáticos, nas PPPs e nas relações interpessoais das escolas (sejam elas públicas ou privadas). Só assim iniciaremos um caminhar no sentido de diluir essa educação machista, tóxica e nociva, que constrói o caráter de homens frágeis, inseguros e, conseqüentemente, violentos, que independentemente de qualquer avanço tecnológico ou econômico permanecerão estabelecendo relações desiguais, injustas e que sempre os favorecerão.

Como fundamentação teórica para este artigo dialogamos com os seguintes autores: Belizário (2019), Bourdieu (2014), Cashmore (2002), Castañeda (2006), De Castro (2018), Moraes e Belizário (2005), Nascimento (2023), Sculos (2017), Connell e Messerschmidt (2005), Souza e Antloga (2017) e Stevens (1973).

Ao refletir sobre essas questões, resolvi utilizar outra parte da minha pesquisa para amparar os relatos das entrevistas e falar das dificuldades em ser mulher nesse país. O objetivo deste artigo é direcionar para as raízes dessas injustiças e violências. A nossa proposta com este material é apresentar a fragilidade e toxicidade do que chamamos de masculino e apontar que, se isso não for trabalhado com um olhar de transformação pela educação,



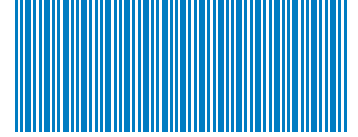
permaneceremos oprimindo e assassinando, de alguma forma, cada vez mais, as mulheres.

2. Descrição da área de estudo

A escola na qual esta pesquisa foi realizada foi fundada no ano de 1950 como uma escola industrial. Situada na região oeste de São Paulo, inicialmente oferecia cursos de Economia Doméstica e Corte e Costura ao público feminino. Com o passar dos anos, foi mudando não somente sua denominação, mas também os cursos oferecidos e, conseqüentemente, seu público. Onde a escola está situada, em meados do século passado, quando o colégio foi fundado, o bairro apresentava moradores menos abastados e de uma classe trabalhadora mais popular e humilde, mas hoje o lugar está se consolidando como uma região de apartamentos para a classe média. A prefeitura de São Paulo vem promovendo um intenso processo de verticalização no bairro e eliminando de forma rápida os galpões industriais que anteriormente eram comuns por toda a região. A aceleração do processo de expansão imobiliária é visível e não é difícil nos admirarmos com os edifícios modernos de apartamentos residenciais que estão se espalhando rapidamente.

Atualmente, o público da escola nos cursos técnicos do período noturno é majoritariamente masculino. No Ensino Médio, mesmo os cursos oferecidos sendo socialmente pensados para o público masculino, percebe-se cada vez mais a presença de garotas, aumentando o contingente delas nas salas de mecatrônica, logística e informática. Mais de 25% dos(as) alunos(as) têm renda familiar acima de seis salários mínimos e apenas 8% vivem com renda familiar de um salário mínimo.

Existe um incentivo ao corpo docente para o desenvolvimento de ações sócio-construtivas, nas quais a comunidade escolar se envolve em projetos multidisciplinares, culturais, sociais, pesquisas e olimpíadas. Os alunos e alunas também participam ativamente do grêmio estudantil e de muitos outros projetos e programas em que podem desenvolver o protagonismo e exercitar o processo de autodesenvolvimento.



3. Metodologia

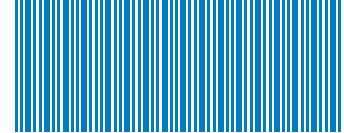
Esta pesquisa buscou, por meio de entrevistas semiestruturadas, captar e transcrever os sentimentos de cinco alunas (Lara, Maria Flor, Naomi, Valentina e Fernanda – nomes fictícios), vítimas de constantes assédios dentro da escola, a partir da forma como se comportavam perante a postura da instituição de ensino relacionada a essas práticas e a todas as regras que regiam homens e mulheres dentro do espaço escolar.

Considerando nosso conhecimento prévio e tudo o que levantamos, o nosso objetivo foi produzir informações de qualidade e reflexões profundas, conforme apontam Gerhardt e Silveira (2009). Estamos cientes das críticas às quais as pesquisas qualitativas estão sujeitas, já que seu caráter subjetivo é fortemente marcado e o envolvimento emocional do(a) pesquisador(a) fica evidente nesse perfil de pesquisa, conforme nos diz Minayo (2001).

Por outro lado, a autora nos explica que esse tipo de pesquisa trabalha com um universo de significados, crenças, valores, aspirações, motivos e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo dos processos, fenômenos e relações que, de forma alguma, podem ser reduzidos às simples operacionalizações de variáveis (Minayo, 2001). Ela seria um contraponto à pesquisa quantitativa e, originalmente, foi aplicada em estudos sociológicos e antropológicos, mas atualmente tem ampliado seu campo de atuação para áreas da psicologia e da educação.

4. Alguns aspectos limitantes da organização das meninas.

A discussão sobre equidade e feminismo dentro da escola teve muitas repercussões. Uma delas foi o grupinho organizado por algumas garotas com o objetivo de fomentar o debate, compartilhar experiências e criar um maior sentimento de pertencimento e solidariedade entre elas. O grupinho estava estabelecido nas redes sociais (Facebook), e algumas vezes se organizava também de forma presencial com as garotas mais politizadas. Mas as trocas mais robustas, diárias e democráticas ocorriam no ambiente digital (Facebook), no qual os tópicos das postagens podiam ser comentados por qualquer menina que fizesse parte do grupo e tivesse interesse ou disposição para comentar.



No decorrer de nosso diálogo com as meninas em busca de informações sobre os impactos e efeitos que o grupo promoveu em suas vidas e na de outras participantes, surgiu também a curiosidade de saber a reação que ele provocou nos garotos, que desde o início estavam impedidos de participar do grupo, já que ele era fechado e necessitava de um convite e autorização para ser acessado.

Para extrairmos essas informações, elaboramos duas perguntas para as entrevistadas:

- *Qual foi a reação das garotas que não participam do grupinho?*
- *Qual foi a reação dos garotos em relação ao grupinho das meninas?*

Vejam os impactos a partir dos depoimentos.

Iniciaremos com os relatos de Lara, pois ela é quem define em sua fala um termo muito utilizado dentro da escola e entre os garotos: “feminazi”.

Lara diz: *“Para a maioria deles, é que somos feminazis”*, relata sorrindo a nossa entrevistada.

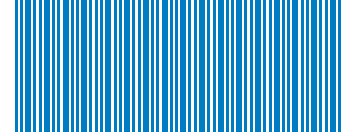
Pelo termo já é possível deduzir o significado da palavra e a sua aplicação, mas perguntamos mais sobre o tema para que algumas dúvidas fossem sanadas. A resposta da entrevistada segue abaixo:

Feminazi, na opinião deles, é qualquer feminista. Se você fala de igualdade, se você fala que isso aí foi machismo você já é feminazi, se você fala, “cara, você não lava nem uma louça”, eles já dizem, “cala a boca sua feminazi”. Feminazi faz uma relação com o nazismo, como se fosse muito radical eu querer que o cara lave uma louça e as suas cuecas (Lara – 10/09/2014).

E a aluna continua: *“O grupo não é de feminismo, é um grupo de apoio, pra você ter um espaço pra você falar, desabafar, chorar”*.

Ela explicita com todas as palavras que o grupo não é feminista e, mesmo que a ideologia feminista seja transmitida em suas reuniões e faça parte da filosofia de vida de suas fundadoras, a ideia do grupo é a garantia de direitos e a eliminação de assédios e abusos.

E Lara prossegue falando sobre isso: *“É uma perseguição, essa história de feminazi. Uma vez eu estava discutindo sobre um*



assunto que não tinha nada a ver, era sobre nazismo e racismo, e o menino disse “eu não discuto com feminazi, sai daqui!”.

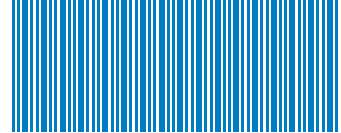
5. Masculinidade acuada: a defesa inconsciente (ou não) de privilégios e poder

Após a organização das garotas, um fenômeno interessante passou a acontecer dentro da escola. Manifestações machistas de forma explícita passaram a ocorrer com frequência, coisa que não ocorria no ano anterior e nem antes da organização delas naquele mesmo ano.

Só para exemplificar, existia na escola um espaço virtual no qual os alunos se comunicavam. Era como se fosse uma espécie de “correio elegante moderno”. Nos anos 1970, 80 e até boa parte dos 90, quando a comunicação ainda não havia expandido para a forma virtual como é hoje, as festas juninas nos colégios contavam com os famosos “correios elegantes” – que eram, nada mais nada menos, que bilhetinhos de amizade, afeto ou paixão, escritos caprichosamente em cartolinas recortadas e decoradas. Os bilhetes eram, na maioria das vezes, anônimos, e os alunos, muitas vezes, os utilizavam para se declarar para as suas “paqueras” – os atuais “crushes”.

Hoje, na era digital, isso praticamente se perdeu, e quando observamos a sua utilização, ela não é feita da forma que era no passado; sendo assim, o que alunos e alunas dessa escola tinham era um espaço virtual no qual se declaravam, teciam elogios e comentavam sobre suas paqueras e pessoas que lhes interessavam. Pois bem, esse espaço, que era de interação entre estudantes com o intuito de se aproximarem e flertarem, tornou-se um imenso canteiro de agressões verbais quando as atividades sobre feminismo se iniciaram no ano anterior. Manifestações machistas das mais diversas formas passaram a ser propagadas na rede digital de uma forma que todo o propósito anterior do espaço se perdeu em meio às reações, principalmente dos garotos.

Valentina nos fala um pouquinho sobre isso. *“Alguns acham que o grupo é anti-homem, aquela coisa das feminazis. Eu já te falei que criaram um grupinho antifeminismo? Então, criaram um grupo e o objetivo é tirar sarro, rir, falar que são antifeminismo...”*



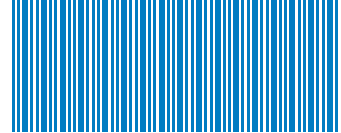
Para entendermos um pouco melhor esse fenômeno relatado por Valentina, podemos fazer uma analogia com o título que durante muitas décadas o Brasil orgulhou-se em ostentar, o de sermos uma “Democracia Racial”. Esse conceito, que foi apropriado a partir da construção teórica de Gilberto Freire em *Casa Grande e Senzala*, passou a ideia de que negros e brancos, neste país, sempre viveram em harmonia e que não existiam entre nós, brasileiros, o racismo, o preconceito e a segregação racial, tipicamente caracterizados pela sociedade norte-americana e sul-africana. Mas tudo isso veio “por água abaixo” quando, no início dos anos 2000, as políticas de ações afirmativas ganharam terreno no cenário político nacional e deixaram de ser apenas uma reivindicação dos movimentos negros deste país.

Desde então, o que mais vemos crescer são manifestações racistas das mais diversas formas possíveis; e, por outro lado, vemos cada vez mais uma maior resistência e denúncia dos afro-brasileiros e dos partidários dessas políticas. Dentro desse cenário, essa é uma ótima analogia para entendermos a reação dos garotos do colégio, que, até aquele momento, não haviam sido expostos e denunciados tão explicitamente em seu machismo cotidiano. A reação deles ao atacar as meninas com adjetivos criados com o intuito de desqualificá-las, ou com afirmações do tipo “vai lavar louça” ou “lugar de mulher é no tanque”, nada mais é do que uma clara defesa de privilégios e manutenção de poder. Ou, como afirma Castañeda (2006):

Estabelece implicitamente que uma pessoa está embaixo, e a outra, em cima; uma pede algo, e a outra concede... ou não, conforme o caso. A relação complementar reflete e reforça as diferenças hierárquicas, distribuindo funções distintas a cada pessoa. Por isso, é a relação própria do poder (p.86).

O termo “pessoa” utilizado por Castañeda (2006) em sua citação pode ser compreendido como “grupo”, já que aqui o nosso exemplo fornecido foi uma manifestação coletiva e não somente de um indivíduo para com outro. Por outro lado, fica evidente que a questão hierárquica foi rompida, pois as meninas, em nenhum momento, pediram o aval dos garotos para se organizarem e muito menos para atacá-los, e isso os irritou de verdade. Por esse motivo, citamos a manutenção de privilégios e poder; e utilizamos a frase da autora para corroborar com a nossa afirmação. Desrespeito, falta de sensibilidade, pouco-caso, oportunismo e falta de conhecimento são outros pontos denunciados pelas nossas entrevistadas.

Fernanda fala sobre esse desrespeito. “Eles acham engraçado, eles lidam de uma forma engraçada e acham patético, eles realmente não enxergam e levam na brincadeira.”



Por sua vez, Maria Flor também traz o desrespeito, pouco-caso e o oportunismo para a discussão. *“As que precisam de homem, radical, acham que vão mudar alguma coisa no mundo”* – é o que costumam sempre ouvir dos garotos. E ela continua relatando outras situações. *“Alguns ficam interessados e querem saber mais o que a gente fala, e outros querem se envolver só para ficar perto e conquistar as meninas.”*

Naomi fala um pouco sobre essa falta de conhecimento:

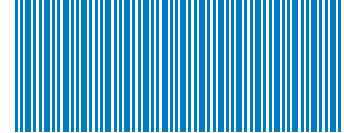
A maioria deles não gostam e acham que a gente se reúne para falar mal deles. Eles não entendem pra que existe feminismo e pra que o feminismo tem que existir dentro da escola já que todo mundo é igual e tal. E não enxergam os problemas que tem aqui dentro da escola, alguns nem mesmo na sociedade. Acham que está tudo certo, mulher pode votar então foda-se!

Cansada dessas más interpretações Naomi conclui seu pensamento dizendo:

O grupo é sobre meninas, é sobre a nossa experiência e como a gente lida com tudo, é como a gente pode lidar com as coisas, mas o que eu percebi que está sendo passado é que a gente fica falando mal de homens, como se tudo fosse sobre homem, né?

Muito importante a primeira fala de Naomi, quando ela cita que os garotos já a consideram iguais justamente pela igualdade que as mulheres já adquiriram ao poderem votar, assim como os homens. Seria cômico se não fosse trágico tal pensamento em pleno século XXI. Considerar que a igualdade está estabelecida em razão de uma condição jurídica é estabelecer um juízo de valor sobre a situação, mas de forma alguma temos um juízo de fato, ou seja, não é porque está na lei que de fato essa igualdade exista.

Dessa forma, mesmo tendo a jurisprudência, a ciência e o discurso político-social nos classificando como iguais, jamais devemos desconsiderar a desigualdade gritante, mas muitas vezes sutil, subliminar e sempre devastadora à qual somos submetidos. Sendo assim, se essa suposta igualdade nos descaracteriza, inferioriza, nos acua ou reduz, temos o dever e o direito de nos posicionarmos como diferentes. Qualquer grupo social que identifique tamanha injustiça contra si tem o direito e o dever de se posicionar a partir de suas diferenças e exigir que a equidade seja aplicada.



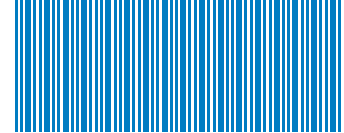
Aqui no nosso caso, é justamente isso o que as entrevistadas apresentaram. Elas enfrentam a meritocracia, questionam essa suposta igualdade existente e, mesmo não conhecendo, trazem a crítica de Cashmore (1996) à questão do mérito e da igualdade jurídica, que foi trabalhada por Moraes e Belizário (2005).

O debate a respeito de mérito pode então ser reduzido a uma questão de diferença de ênfase. Os oponentes preferem considerar apenas a aptidão como válida para o mérito. Os defensores, por outro lado, reconhecem os esforços e os sacrifícios realizados na conquista da eficiência. A medida de mérito é, então, a distância a ser percorrida pelo indivíduo e não somente o seu destino final (pp. 91-92).

Sendo assim, podemos concluir que o menor sinal de consciência, organização e posicionamento de garotas que reivindicam dignidade e respeito já é o suficiente para deduções precipitadas, reações violentas e ataques injustos por parte dos garotos. E tudo isso pode ser creditado na conta dessa masculinidade tóxica que a nossa sociedade cotidianamente produz, reproduz e que, conseqüentemente, constrói e molda meninos e homens frágeis, incapazes de ouvirem, sem a menor empatia e dispostos a todo custo a manterem seus privilégios intactos.

Souza e Antloga (2017) afirmam que os homens tendem a anestesiar tanto o medo quanto o sentido moral de suas práticas dentro das organizações. Dessa forma, um homem pode estabelecer injustiças por meio de práticas autoritárias com o objetivo de manter a produtividade, de preservar a sua honra e de garantir o seu valor no coletivo, para reforçar aos demais que ele é um “homem de verdade”, entre muitas outras justificativas. Ou seja, o intuito é deixar explícito que ele não passa por crises e que consegue controlar suas emoções e suas fontes de sofrimento. Mas sabemos que isso é apenas uma armadura estabelecida pela masculinidade tóxica, para que as vítimas masculinas consigam conviver melhor com esse mal.

Ao analisarmos com mais cuidado a nossa organização social, é possível observar que o machismo dificulta para a maioria dos homens um pensamento racional no que diz respeito a essas questões, e ao considerar o nosso momento atual, mesmo ele sendo repleto de avanços tecnológicos e conquistas socioeconômicas, quando analisamos com cuidado os dados da Pesquisa Nacional de Violência Contra a Mulher, fica difícil não fazermos uma analogia dos dias atuais com o período medieval, época em que o poder era dos homens sobre as mulheres.



Por esse motivo, o termo “masculinidade tóxica” é usado para pensarmos uma gama de interligações de comportamentos, normas e crenças que estão associados ao masculino, que diretamente se conecta com o machismo, algo extremamente nocivo para crianças, mulheres, homens e sociedade como um todo.

Segundo a descrição do dicionário Michaelis On-line, o termo “masculinidade” representa “atributo de masculino ou másculo”. O termo “tóxico” diz respeito ao “que ou o que envenena; algo que tem a propriedade ou a capacidade de envenenar; que é venenoso”. Segundo Nascimento (2023)

Daí, entende-se por masculinidade tóxica um conjunto de comportamentos degradantes atribuídos ao homem como parte essencial de sua natureza, a exemplo da demonstração de racionalidade, poder, agressividade e virilidade — esta, também relacionada à capacidade de procriar — e, por outro lado, da não demonstração de sentimentos e fraquezas. Em suma, a masculinidade tóxica serve para moldar um tipo ideal de homem, a partir de determinações de como pensar e agir (p. 8).

Inclusive, afirma-se que a sua defesa está ligada a uma virilidade desmedida, na qual os homens, para tentar defender e manter suas posições de privilégio, se valem da agressividade, conforme aponta Stevens (1973), que afirma que o machismo é como um culto à virilidade, e as suas características principais são agressividade exagerada, intransigência nos relacionamentos interpessoais entre homens, arrogância e, muitas vezes, agressividade sexual nas relações com as mulheres.

Sendo assim, para Sculos (2017), o debate sobre o valor normativo do conceito de masculinidade está diretamente conectado ao caráter agressivo, competitivo, sexista, misógino e homofóbico do que é denominado masculinidade tóxica.

Seguindo ainda a construção do autor, em um sentido patriarcal e paroquial do papel masculino como chefe, líder e autocrata da família, a hipercompetitividade, autossuficiência individualista, tendência à glorificação da violência, o paternalismo para com as mulheres (chauvinismo masculino), sexismo (superioridade masculina), a misoginia (ódio em relação às mulheres), as ideias rígidas de identidade sexual, sexo e de seus papéis, a heteronormatividade (crença na naturalidade e superioridade da heterossexualidade dos cis gêneros), objetificação, infantilização e o direito à atenção (sexual) das mulheres são algumas das



manifestações dessa masculinidade frágil que o machismo constrói e que denominamos de tóxica, conforme também explica De Castro (2018).

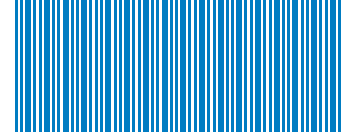
A performance de gênero da masculinidade hegemônica nos países latino-americanos possui entre seus postulados principais, independência financeira e poder de compra, desprezo pelas atividades e 'virtudes' femininas, indiferença ao perigo e afirmação da autoridade em todos os níveis – onde estiver, no bar, em casa, na rua, sua presença e voz deve se sobrepor a de todos os demais (p. 77).

Bourdieu (2012, p.18) também traz contribuições importantes quando afirma que “[...] A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”. O sociólogo francês evidencia que há uma relação entre as vantagens atribuídas aos homens por meio das relações de gênero. Segundo o autor, elas estão enraizadas em questões vinculadas e diretamente conectadas não apenas à força física, mas também às forças simbólicas; então, podemos afirmar que as características expostas por ele se assemelham às da masculinidade tóxica, descritas por Sculos (2017), uma vez que elas se constituem em normas, crenças e comportamentos que são ensinados e aprendidos desde a mais tenra idade para todas as pessoas da nossa sociedade.

E para corroborar com essa nossa análise sobre os efeitos da masculinidade tóxica e essa fragilidade psicológica e intelectual que ela promove nos homens, vejamos a discussão abaixo, que também foi extraída desta minha pesquisa.

6. Meninas vitimadas: outros efeitos do machismo sobre as meninas.

A reação negativa nem sempre vem somente dos garotos. As meninas, muitas vezes, não compreendem essa tomada de consciência e muito menos aceitam fazer parte dessa luta que as favorece e liberta. A opressão é tão grande em nossa sociedade que o sistema acaba por vitimar duplamente muitas garotas/mulheres ao ponto de fazer com que elas contribuam para a manutenção do status quo. Vejamos algumas falas que demonstram esse fenômeno.



“As meninas que não participam veem a gente como um bando de meninas estressadas, de rebeldes sem causa” (Naomi – 11/09/2014). E a entrevistada continua falando sobre algo ocorrido internamente no grupo:

E assim, aos poucos, as meninas foram percebendo que não estava dando em nada e elas foram desistindo, pararam de conversar no grupo e tal. E também um problema sério que fez as meninas pararem de conversar foi que vazaram algumas informações, inclusive sobre mim, eu já havia contado sobre algumas experiências que não deram muito certo com o meu ex-namorado vazaram, ele ficou sabendo e veio tirar satisfação e reclamar comigo (Naomi – 11/09/2014).

Depois é a vez de Valentina comentar sobre o mesmo caso:

Mas acabou não dando muito certo porque um monte de informação que eu pensei ser um lugar seguro para as meninas vazaram e vieram tirar satisfação com as meninas... Então assim, era pra ser uma coisa boa e acabou se desvencilhando (...) (Valentina – 11/09/2014).

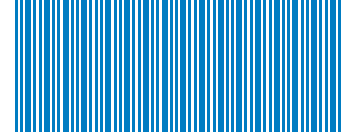
E Maria Flor dá prosseguimento:

Só que depois começou a vazar informação de meninas contando os relatos de algumas meninas para outras pessoas e aí meio que perdeu o sentido, mas no começo era isso. O problema é que as pessoas não entenderam muito bem que o sentido era você tentar ajudar umas as outras (Maria Flor – 10/09/2014).

Talvez para muitos, um sentimento de revolta contra as garotas possa surgir, mas precisamos enfatizar o estado de vitimização em que elas se encontram. A escola, como um ambiente que reproduz, mesmo que em menor escala e de uma maneira invisível, as relações sociais, sejam elas de poder ou não, prepara seus alunos e alunas para o que os aguarda “aqui fora”. E se em nossa sociedade uma mulher para ocupar o espaço ocupado por um homem precisa se “masculinizar” e se adequar às práticas e hábitos vigentes, não nos admira que atitudes extremamente cruéis como essas (fruto de um machismo invisibilizado, mas que ganha materialidade e provoca um enorme estrago quando atinge cada uma dessas meninas) ocorressem no interior do grupinho.

Castañeda (2006), especialista em “machismo invisível”, aponta que:

Os postos importantes na política, nos negócios e nas profissões não são espaços neutros que podem ser ocupados indistintamente por homens



e mulheres: existem dentro de uma hierarquia e de uma estrutura masculinas, e estão planejados para homens. As mulheres que chegam a ocupá-los devem ter certas qualidades “masculinas” desde o início. E depois “masculinizar-se” ainda mais para impor autoridade (...). É por isso igualmente que tantas mulheres no poder se tornam machistas: identificam-se tão bem com a estrutura institucional e a mentalidade masculina que lhes foi permitido alçar-se ao poder, e pouco a pouco aprendem e adotam as estratégias e atitudes de dominação próprias do machismo (pp. 118-119).

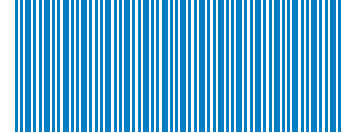
A escola já conta com uma estrutura hierarquizada e os garotos estão no topo dessa pirâmide. Se uma garota deseja galgar esses mesmos espaços, se ela deseja conviver com eles, partilhar dos mesmos ambientes, brincadeiras e discussões, elas precisam “masculinizar-se”, como nos disse a autora, e, com isso, temos a reprodução do machismo e a colaboração de muitas garotas/ mulheres aliadas dessas práticas e sistema pernicioso. Infelizmente esse é o preço alto pago por não discutir e problematizar a questão de gênero nas escolas e na sociedade como um todo.

Maria Flor também nos traz o caso dessas garotas vitimadas e reprodutoras do machismo, assim como daquelas outras que até admiram, mas que sabem o quanto é caro assumir e adotar essa bandeira; vejamos:

Das mais diversas. Umas falam “ahh, as que precisam de pau” ou então... “Ahhh, eu acho legal e tudo, mas eu não sou feminista” ou então “ahhh, aquelas que só querem aparecer”... Como se aqui só tivesse feminista. Umas até se interessam, mas não participam por medo do que os outros vão pensar e tem umas que não conhecem e abominam mesmo (Maria Flor – 10/09/2014).

Por essas e outras, a urgência do tema se faz presente. Vejamos o que Lara e Fernanda têm a dizer sobre o impacto de suas ações sobre os professores:

Alguns professores rejeitaram muito a ideia da discussão do feminismo dentro da escola, inclusive as professoras mulheres, quando nós colocamos os cartazes ano passado. (...) O que eu senti de diferença é que eles estão medindo mais as palavras deles. Eles não falam mais descaradamente, estão mais discretos agora, eles pensam mais antes de falar, mas não mudou muito a atitude, só mudou a forma como eles expõem (Lara – 10/09/2014).



E Fernanda complementa:

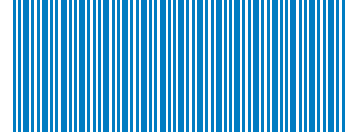
Depois dos acontecimentos que a gente foi lá reclamar na coordenação, eu acho que mudou alguma coisa sim, o professor de (falou a disciplina do docente) e de (também citou a disciplina do docente) em relação a nós, eles viram que a gente totalmente desaprova as atitudes deles e não estão fazendo mais comentários. Eles fazem com outras meninas, elas dão risada e aí eles continuam fazendo mesmo, mas com nós não (Fernanda – 11/09/2014).

Tanto Lara quanto Fernanda expõem algo grave: a dissimulação e a resistência. Apesar das modificações que ocorreram, Lara diz que os professores agora não falam mais abertamente sobre elas (comentários de cunho sexual – cantadas e piadinhas sexistas), mas que passaram a adotar a sutileza para continuar se manifestando, ou seja, eles estão resistindo e a opressão se mantém. Fernanda chega a dizer que algumas atitudes somente mudaram com as garotas que fazem parte do grupinho. Isso demonstra que a tomada de consciência delas permite que se posicionem de forma diferente perante os “ataques” dos professores, mas as garotas que ainda não se conscientizaram continuam sendo um alvo fácil para esses docentes.

Analisando as falas das garotas, notamos que, apesar dos benefícios que o grupinho trouxe para as suas relações com outras garotas e para si próprias, as reações de muitas pessoas – amigos, colegas e até professores – não foram favoráveis, mas isso não é a parte mais crítica.

O problema é que o intuito do grupo e da sua organização, que inicialmente servia como uma ferramenta de relacionamento, flertes e diversão, transformou-se em um espaço político de trocas, desabafos e denúncias dos excessos ocorridos na escola. Um movimento de combate e busca pela eliminação dos assédios de certos professores passou a acontecer, mas elas perceberam que as soluções ofertadas pela escola não passavam de formas paliativas e camufladas de mudanças de atitudes.

Por mais formidável que seja essa tomada de consciência e organização das garotas, e que isso sirva como um modelo a ser reproduzido em outras instituições, se não houver a participação efetiva da escola, o desgaste, a frustração, os assédios, abusos, desrespeitos e o péssimo ambiente escolar para as alunas tenderão a vigorar.



7. Conclusão:

Com estas evidências, concluímos que atingimos o nosso objetivo ao darmos conta de respondermos à problemática proposta para este trabalho que era a de apresentar o quanto o ambiente educacional pode ser opressor e desigual para as suas alunas e como as manifestações machistas dos homens alimentam comportamentos típicos de uma masculinidade tóxica e frágil.

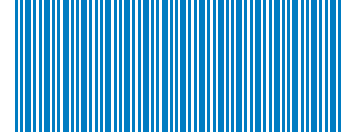
Concluímos este artigo afirmando que a única possibilidade de revertermos esse cenário é com uma prática pedagógica combativa, consciente e responsável e que, para além do empoderamento, da organização e conscientização do público feminino escolar, se faz necessário e obrigatório um trabalho efetivo de educação focado no grupo masculino, para que seja possível trabalhar e combater metodologicamente esse mal milenar que é o machismo.

Por ora, afirmamos que a educação, como uma prática, não pode vigorar de forma excludente e unilateral. Ela precisa orientar o ensino para a construção de pessoas conscientes, questionadoras e com um senso crítico capaz de refletir inclusive sobre os privilégios que secularmente estão estabelecidos e que proporcionam desequilíbrios e injustiças sociais.

E os pilares dessa assimetria, quando o assunto é a análise de homens e mulheres, são justamente o machismo e as suas consequências. A masculinidade tóxica que a sociedade estrutura em nós é tamanha a ponto de não enxergamos todas as mazelas que elas carregam consigo e que prejudicam e destroem muito mais do que somente as mulheres. Os homens são vítimas também, já que eles são em maior número as vítimas no trânsito, nos óbitos por infarto, na dependência química e do álcool, por exemplo.

Esses poucos exemplos estão diretamente relacionados ao machismo, e a sua devastação vai para muito além do físico, ela impacta o emocional e compromete a capacidade cognitiva de muitos homens, impedindo-os de uma reflexão mais ampla e crítica sobre a sua condição e existência, sobrando assim para eles, muitas vezes, apenas a fragilidade psicológica e intelectual.

A busca pela criação e ampliação de ambientes de convívio verdadeiramente respeitosos entre homens e mulheres dentro da escola é um dos principais passos para eliminarmos dezenas de



injustiças e caminharmos em direção a uma nova e mais saudável sociedade.

Esse foi o intuito da elaboração deste trabalho, que buscou a todo o momento ter como orientação e premissa os princípios da equidade e da dignidade humana, pois acreditamos que a instituição escolar, como uma formadora de opiniões e multiplicadora de valores, sem dúvida é um espaço de aprendizado para a cidadania, portanto, não pode de forma alguma permanecer como um ambiente que fomente a discriminação e o preconceito de gênero, sexismo, assédio sexual, homofobia (todos frutos do machismo) e tantas outras mazelas sociais que, em pleno século XXI, ainda perduram e alimentam uma masculinidade frágil, que estabelece relações tóxicas, doentias e que provocam um desequilíbrio disfuncional e negativo para toda a nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BELIZÁRIO, Luis Vinicius. Ideologia ou Violência de Gênero? A difícil tarefa de ser menina no Brasil do século XXI. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 12, pp. 280-309, 2019.

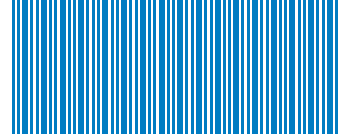
BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações raciais e étnicas**. Routledge, 2002.

CASTAÑEDA, M. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa, 2006

CONNELL, R.W; MESSERSCHMIDT, J.W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, 2013.

DE CASTRO, Susana. **O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas**. **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 20, 2018.



MORAES, L.; BELIZÁRIO, L.V. **Diversidade humana nas empresas:** uma questão de competitividade ou de responsabilidade. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

NASCIMENTO, Marcos Felipe Soares. **O 'baba' é pra homem:** como o futebol serve à masculinidade tóxica no Brasil. 2023.

SCULOS, B.W. "Who's Afraid of „Toxic Masculinity?," **Class, Race and Corporate Power:** V.5, 2017.

STEVENS, Stern. Marianismo: The Other Face of Machismo in Latin America. *In:* PESCATELLO, Ann (comp.). **Male and Female in Latin America.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, pp. 89-101. 1973

SOUZA, R.G., ANTLOGA, C.S. **Psicodinâmica do trabalho masculino e a defesa da virilidade:** uma questão de gênero. Trabalho (En) Cena.v.2, n.2, 2017.

Recebido em: 23/08/2024

Aceito em: 18/06/2025

